

O AUTO CAMONIANO D'EL REI SELEUCO
E
AS SUAS INFORMAÇÕES DIDASCÁLICAS

Francisco Casado Gomes

Não há nenhuma informação sobre o arranjo ou decoração da sala que serviria de palco, mas se pode supor que o ambiente fosse rico e amplo, já que em casa de fidalgo, a parecer uma sala do paço real.

Os espectadores “deveriam ver” uma boa distância entre a porta da sala e sua extremidade oposta.

Na *cena 1*, a primeira em verso e a inicial do verdadeiro Auto, há um criado, que, porém, não é mencionado em rubrica.

Este figurante talvez devesse lembrar, pelo seu silêncio, o “Infante”, a quem vai chamar por ordem do Rei e sugestão da Rainha. Com ele estaria formado o triângulo amoroso.

Na *cena 2*, entra o Príncipe acompanhado por seu pagem. Mas, não se sabe se veio espontaneamente ou para atender o chamado.

O casal deve estar longe da porta, junto da qual ficam Antíoco e Leocádio; mas esta recomendação não é feita, apesar de necessária, para que o Príncipe possa falar sem ser ouvido pelo pai e madrasta.

A separação entre os dois grupos poderia sugerir a impossibilidade de mudança no drama do Príncipe, a não ser que eliminasse o espaço e o silêncio entre ele e o casal, ao qual deveria poder descobrir suas penas.

Mas, há impossibilidade de fazê-lo, e isto é registrado na e pela sextilha, a primeira estrofe heterométrica, já que o tipo-base é a quintilha. Além da heterométria estrófica há o único verso de pé-quebrado pronunciado por um aristocrata.

Na *cena 3*, não temos rubrica que indique o fato de Leocádio permanecer como espectador, nem é dito que saia do palco.

No final desta cena é afirmado: “vão-se” e “vem ãa moça a fazer a cama”

Entre saírem as personagens da *cena 3* e vir a da *cena 4*, o palco fica vazio pela primeira vez, o que nos leva a supor o fim do 1º ato, mas o Autor nada comenta sobre a divisão em atos, dando a falsa impressão de apresentar uma peça inteiriça como as de Gil Vicente.

Realmente, conforme o critério que adotamos, dá-se aqui o final do 1º ato, ao nível das personagens e do assunto, e até no da estrofação.

Na *cena 4*, a primeira do 2º ato, a Moça — enquanto prepara a cama — critica os aristocratas. O leito deve ser colocado na extremidade oposta à entrada, mas isto não é recomendado expressamente

Na *cena 5*, a Moça, ao atender às palmas do Porteiro, desloca-se até a porta e ali fica a dialogar com ele; mas esta indicação não é dada. Julgamos que a Moça deva ficar junto à porta, já que, se o Porteiro visse a cama, comentaria o fato.

Ao retirarem-se de cena, porque o Príncipe se aproxima — deixam o palco vazio. Para que a camareira possa ver Antíoco chegar deverá estar perto da porta

No 3º ato retornam: personagens, assunto, tipo de estrofe e esquemas rimáticos ocorrentes no 1º.

Na *cena 6*, Leocádio, que permanece como espectador do monólogo do Príncipe, deve retirar-se por determinação do texto, e Antíoco deitar-se, por imposição do texto e da rubrica.

Na *cena 7*, não se diz quantos devem ser os músicos, nem que instrumentos tocam.

Não há ordem para que o Príncipe permaneça deitado, mas isto é necessário para o desenvolvimento da ação desta cena e da seguinte, e ele deve ouvir os diálogos que nelas ocorrem.

A *cena 8* é desencadeada pelo retorno do Porteiro, mas não se sabe qual a razão disto.

Os músicos, nesta cena e na anterior, ficam longe da porta, onde ocorre o encontro do Porteiro com Alexandre e Leocádio; eles devem ir para perto da cama, mas essas localizações não são sugeridas por nenhuma informação didascálica.

Aliás, é o texto que manda alguém cantar, e tal fato é a razão de o Príncipe começar a falar, desencadeando a *cena 9*.

Nesta não há informação sobre música e letra apresentada inicialmente, mas deve supor-se serem alegres. Não se informa, também, sobre o tipo de música que acompanha a trova dita pelo Porteiro, que é escolhida para ser ensoada.

Não há rubrica que mande o Príncipe permanecer deitado após a saída dos criados, mas assim deve ficar durante as cenas 10 a 16.

E estará “ausente”, pois, a dormir, ao longo das cenas 10 a 12; e por isso pode afirmar-se que o palco está vazio ao final da cena 9, marcando o término do 3º ato.

A *cena* 10, apresenta outras personagens; uma delas Frolalta, que faz a sua primeira intervenção. O tema principal é diferente do até então comentado.

Nesta cena há graves descuidos em matéria de técnica teatral, mas propositados porque eram necessários. Sem eles, seria difícil obedecer as conveniências epocais.

Frolalta e Estratônica devem permanecer junto à porta, em posição que lhe impeça verem o ambiente em que o Príncipe está deitado.

Esta situação, porém não é sugerida pelo Autor.

Ao final da cena, o palco fica novamente vazio mas, dada a direta e íntima conexão entre o que é dito na última fala e a primeira da cena subsequente, não vemos o fato como indicação de novo ato.

Aliás, a correlação entre as duas manifestações, a de Frolalta e a do Físico, é forçada, pois a rubrica manda o Físico entrar depois de a criada ter dito “Senhora”, palavra que desencadeará, no Príncipe adormecido, a reação observada pelo médico.

Na *cena* 11, não há informação didascálica que sugira ao Físico ir até a porta para chamar o criado, mas isto é necessário para que se estabeleça o diálogo entre eles.

Sancho aparece depois de ter estado como interlocutor-ausente, e desencadeia a *cena* 12.

Ele e seu patrão devem permanecer junto da porta, para que Sancho não veja o Príncipe; mas tal posição não é exigida por nenhuma rubrica. Aliás, nenhuma também recomenda que Antíoco continue deitado e a dormir, como o queria o Autor, conforme a rubrica ao final da cena, que também informa que o criado deve sair.

O Físico precisa acompanhá-lo, mas isto não é dito. Deve sair para, na cena 14, voltar com o Rei.

Na *cena* 13 há o monólogo de Antíoco.

Na *cena* 14, o Rei fica perto da entrada, e o Físico vai para junto do Príncipe, como se depreende do texto, mas não há registro que recomende tal movimentação.

A *cena* 15, é desencadeada pela inesperada presença da Rainha, que se aproxima do leito de Antíoco. O texto determina que o Físico vá para perto do Rei.

Na *cena* 16, o Rei e o médico continuam perto da entrada da sala, até a última quintilha, quando Seleuco vai até ao filho e diz-lhe: “Levantai-vos () ” E depois os três saem, e finaliza-se o 4º ato. A saída é determinada pelo texto e não por rubrica.

Ao iniciar-se o 5º ato, o Porteiro deve entrar em silêncio, e logo depois virá Leocádio, como se conclui pelo texto; não há, porém, informação didascálica sobre tais entradas.

Esta *cena*, a 17, finaliza por um verso solto e isolado, que também é uma informação didascálica que se repete na rubrica inicial da *cena* 18.

Nesta, apesar de não haver recomendação especial, os dois criados devem permanecer no palco, e, junto com o Príncipe e a Rainha, ouvir o monólogo do Rei.

Ve-se, pelo levantamento, que o Autor, como outros teatrólogos do seu tempo, não se preocupou em dar minuciosas informações didascálicas, supondo que os futuros diretores de cena as dispensariam.

Quanto às cenas em PROSA:

não é indicado se, desde o início da fala do Mordomo, o Moço está com ele. Marcamos como princípio de nova cena a primeira intervenção do moço Lançarote que, ao sair desencadeia outra cena, a do curto monólogo do Mordomo.

A entrada de Martim Chinchorro e de Ambrósio dá início a mais uma cena, e o retorno do Moço determina o início de outra.

A presença do Representador desencadeia nova cena, que se clausura com uma fala do Mordomo.

Após a apresentação do “verdadeiro Auto d’El-Rei Seleuco” há duas cenas. Uma em que os músicos cantam; não é dito se ali está também Alexandre. A seguir, em nova e última cena, Martim e Estácio da Fonseca falam.

Há, portanto, oito cenas que se não relacionam diretamente com o Auto, às quais designamos por letras: A até H.